

UMAR AÇORES

Desatar um nó

PELA IGUALDADE



EM MEMÓRIA DE NATÁLIA CORREIA Busto de Natália no Palácio de São Bento

Neste fim de 2018, ano em que se assinala os 25 anos da morte de Natália Correia, re-produzimos a imagem do busto de Natália no Palácio de São Bento, obra do escultor João Cutileiro, e juntamos a nossa voz à do escritor, Fernando Dacosta (Açoriano Oriental, 16 Dezembro 2018), que é firme ao denunciar a forma como tem sido negligenciado o importante legado desta figura pujante da nossa cultura no século XX.

Segundo este escritor e amigo, desde a morte de Natália em 1993, a vontade dela não tem sido considerada. “Nada foi respeitado” diz Dacosta, desde o destino dado à casa onde ela nasceu, em 1923, na Fajã de Baixo, passando pela disposição e pelo aproveitamento do seu valioso espólio, até ao lugar onde as suas próprias cinzas repousam.

Fernando Dacosta é claro. Natália esperava que a moradia da família, onde ela nasceu e viveu, fosse transformada numa Casa-Museu, albergando e expondo o seu vasto e valioso espólio - livros e documentos, obras de arte e objetos pessoais.

Em vez disto, está tudo disperso. O seu importante espólio está espalhado, aqui e acolá, em vez de estar reunido, como fios que, juntos, evocam e recriam a vida e a obra de uma mulher ímpar na nossa história e cultura.

Até as suas cinzas tardam em chegar aonde ela queria: o jardim próximo da Igreja da freguesia onde ela nasceu. ♦

ROSA NEVES SIMAS

Com Natália em São Bento

“Os militantes de todos os partidos têm pele de camisas enforcadas”
(*A Ilha de Circe - Prólogo*)

MARIA MANUELA AGUIAR
1ª MULHER VICE-PRESIDENTE ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Natália é uma de duas deputadas que tem busto de mármore no Parlamento Português. Esculpido por Cutileiro. A Assembleia conserva, nas páginas do Diário das Sessões, a magia da sua palavra, porventura a mais fulgurante, e, não raro, a mais agreste que algum dia se ouviu no hemiciclo. Contudo, não lhe ocorreu ainda reunir em coletânea as suas intervenções, ao contrário do que acontece com os notáveis tribunos masculinos, com ou sem lugar na estatuária do Palácio de São Bento...

Foi nos “Passos Perdidos” que a conheci. Falámos, por sinal, só de leis - de uma em particular, já nem sei qual, que passara pelo meu gabinete de responsável pela emigração, e que ela defenderia, em sede parlamentar, no dia seguinte. Combinámos que, para análise de todos os detalhes, lhe enviaria a casa um distinto jurista.

De lá voltou o especialista mais impressionado do que se tivesse privado com figuras históricas, como Catarina da Rússia, ou a Marquesa de Alorna. Ainda por cima, ela elogiara aquele modo de colaboração - que deveria ser a regra, mas não era - entre governo e bancada parlamentar. Talvez tenha visto nisso uma das diferenças que podem fazer as mulheres na república dos homens.

De longe a longe, nos reencontrámos no Botequim (que, não sendo eu notívaga, não podia frequentar assiduamente), e, depois, entre 1981 e 1983, no quotidiano da bancada da AD que, desaparecido Sá Carneiro, entrara no seu ocaso anunciado.

Como é lidar com o mito no quotidiano? É inevitável a sua “normalização”? Com Natália, de modo algum! Tinha as qualidades que “humanizavam” a sua grandeza, sem a diminuírem. No convívio era amável, solidária, imensamente divertida e imprevisível - sempre for-



Manuela Aguiar e Natália Correia, Assembleia da República, 1987

midável, não intimidava. Antes da minha primeira intervenção formal, sentindo-me nervosíssima e muito hesitante, não ousando improvisar, escrevi umas linhas, que submeti ao parecer crítico de Natália. Graças ao seu “nihil obstat” subi à tribuna com alma nova!

Porém, como opositora, num frente a frente, siderava qualquer um, sem exceção, com secos e contundentes argumentos ou com tiradas ribombantes e não menos contundentes - ordálio a que, felizmente, nunca tive de me submeter. A sua diátribe mais mediática foi, sem dúvida, a que incendiou o debate sobre o aborto, fulminando, em prosa e verso, um fundamentalista religioso do CDS, que se atreveu a propugnar o sexo exclusivamente para procriação da espécie - o famoso “truca-truca” do procriador de uma pequena prole de dois descendentes. Assisti ao clamor que se seguiu, em lugar privilegiado, muito perto da Oradora.

Após integrar governos sucessivos e breves, (como foram todos. até ao surpreendente advento das maiorias absolutas de Cavaco Silva), regressei a São Bento e às conversas com Natália, então já no PRD (como independente, é óbvio). Nada que nos afastasse - afinal, partilha-

va, o seu gosto pelo distanciamento dos aparelhos partidários e até a sua simpatia pelo general Ramalho Eanes - que, à época, não abundava entre Sá-carneiristas.

Estávamos em agosto de 1987 e eu acabava de me tornar a primeira mulher eleita vice-presidente da Assembleia. Poucos dias depois, aconteceu a temida inevitabilidade de ser chamada a dirigir a sessão - sem pompa nem anúncio prévio, a meio de um discurso de Basílio Horta, apenas para o Presidente Crespo fumar um cigarro nos bastidores. Tanto melhor para mim, que queria passar despercebida... Mas eis que Natália se levanta em aplausos, logo seguida por Helena Roseta e pelos demais deputados e, finalmente, por Basílio, que continuara a intervenção, sem saber o motivo por que a Câmara inteira aplaudia de pé. Um momento feminista para a história parlamentar!

Não menos feminista foi outro, que, igualmente, se lhe ficou a dever: a ideia de homenagear as pioneiras do movimento sufragista português, a 8 de março de 88. Precisamente oitenta anos depois da criação da Liga das Mulheres Republicanas, elas tiveram, enfim, o direito de serem ouvidas em longos e expressivos

discursos, citados por deputadas da geração das suas netas. Ali, na casa-mãe da democracia, a que uma democracia imperfeita lhes vedara acesso.

Em 1991, o Partido Renovador perdeu representação parlamentar e, com isso, a Assembleia da República perdeu a Mulher que a ressuscitaria da hibernação na mediocridade em que estava caída. A Mulher capaz de transformar, por exemplo, um simples jantar de portistas em S. Bento em tertúlia erudita, discorrendo brilhantemente sobre desporto, deuses e mitos, para concluir que a serpente da antiga Lusitânia e os dragões da “cidade invicta” pertenciam a uma mesma matriz.

Inesquecível! Nesses tempos, quantas vezes, da terceira fila do hemiciclo, onde Natália também se sentava, olhei em redor, pensando: “Daqui a cem anos estamos todos mortos - todos, menos a Natália”. E lembro-me de lho ter dito uma vez, perante um silêncio complacente e o esboço de um sorriso.

A profeta de futuros longínquos era ela, eu apenas ousava uma incursão em terreno proibido ao comum dos mortais. Sorte de principiante: a profecia vai a caminho de se cumprir. ♦